

Fotos

BRASILIA, 7 DE

JANEIRO DE 1967 — ANO VI — NÚMERO 310 — Cr\$ 700

66/ COMO
FOI
67/ COMO
SERÁ

A NOVA CARA DOS
BEATLES

Chico Buarque
O JOVEM DO ANO

Fatos & Fotos

Chico Buarque

Aqui, hoje, Chico Buarque de Holanda fala de Chico Buarque de Holanda. Há um motivo: a equipe de FATOS & FOTOS, depois de pesquisar a opinião generalizada de seus leitores, indicou-o como a grande figura jovem de 1966. Não somente pelo sucesso de A Banda, que ele repartiu com o povo, mas também pela onda de renovação que imprimiu à boa música do Brasil. A cada ano, repetiremos a indicação, sempre baseados na sondagem do pensamento e dos sentimentos populares. A pessoa escolhida, que poderá ser ou não jovem, receberá nossa homenagem e, através de nós, a homenagem de uma expressiva maioria de leitores. Dito o quê, vamos a Chico Buarque de Holanda, neste esboço de auto-retrato.

O JOVEM DO ANO

Entrevista concedida a CARLOS CASTILHO





CHICO BUARQUE

Música popular que todos amam. Onde Chico aparece o povo aparece também.

● Minha coleguinha morava perto de casa. Por ela fui goleiro muitos anos, esborrachando-me na pelada, cujo gol estava armado diante de seu portão. Mas professora mesmo era Dona Dinah, morena de olhos redondos e lábios carnudos. Anos depois, encontrei D. Dinah num carnaval. Francamente, nunca imaginei... A professora da gente, que parece uma coisa sagrada, não fica bem andando por aí...

● A melhor marca de cigarro é o escondido. Contém pose, aventura, sentimento de culpa, gosto de chocolate, fumaça mal respirada e outros ingredientes. E o mesmo que a primeira experiência sexual mal sucedida ou o copo a mais de cuba libre, ao som de Ray Conniff, na festa de 15 anos de Maria Augusta. Naquele tempo eu lia Tolstói em francês. O máximo do exibicionismo tava aí.

● Minha adolescência foi um circo de influências e tentativas. Quis ser palhaço, bombeiro, intelectual, jogador de futebol, padre, deputado, ladrão de automóveis, galã e arquiteto. Nada deu certo, e acabei mesmo tocando violão.

● Papai nunca adotou ares de "sociólogo e historiador da maior seriedade". A gente só tomava conhecimento de sua "celebridade" através de terceiros, que escancaravam os olhos, exclamando: "Ah, então você é filho do grande professor." Isso não nos constrangia. Pelo contrário. A gente ria meio espantado: "Quem? Papai?" Digo a gente pelos meus irmãos, que, garantido, também acham isso. Quanto a minha mãe, poderia parecer aos menos avisados que fosse ela a "historiadora da maior seriedade". Embora alegre, baixinha e com um jeito de irmã caçula da gente, era ela quem tomava providências, pingando um pouco de realismo no lado romântico de meu pai. Acho que ela conseguiu uma boa mistura.

● Noel Rosa, Caymmi, Ataulfo, Mário Reis e Ismael marcaram minha formação musical. Depois vieram Tom, Vinícius e — porque negar? — Jacques Brel, Aznavour, Miles Davis, etc. Na música erudita já torci por Beethoven, Bach, Vivaldi e Albinoni, um de cada vez.

Villa-Lôbos também, mas não mais do que os outros.

● Papai, hélas, às vezes "executava" um samba. Felizmente ele não compõe. Ele que me perdoe.

● Não me lembro de minha primeira música ou tentativa de. Também não vale a pena. Hoje componho quando posso, não importa a situação. Posso estar comendo um sanduíche, esperando um táxi ou só pensando, não importa. A chamada inspiração parece que vem de outro dia, de outra rua ou de outra pessoa. Ah, o violão, sim, é preciso que haja um por perto. Mas isso sempre há. A música sai junto com a letra, casados há muitos anos ou, às vezes, brigados pra nunca mais. Neste caso, nada feito. Desquite.

● Desde o movimento da "bossa nova" só houve um grande poeta no samba: Vinícius de Moraes. Vinícius marcou a música de Tom e a voz de João Gilberto de tal forma que surgiu por aí um monte de Vinícius regra 3. Eu mesmo, há tempos, já quis ser Vinícius e deu bobagem. Era preciso buscar outra linguagem, como fez o chamado "grupo baiano". Só que a minha vida não era a areia de Amaralina, nem a terra seca do Nordeste. Meu chão sempre foi o asfalto, como foi o de Noel. Mas trata-se de uma coincidência à toa. Meu samba está ligado a Noel principalmente pelo gosto pela rima e ritmo fraseado. Mas, assim como não me prendi a Vinícius, não procuro reeditar Noel. Como aprendiz diligente, consulto a poesia de Drummond, Bandeira, João Cabral e outros sem esquecer Vinícius, Noel, Caymmi e os demais.

● Com a licença de Alvaro Campos: "Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto / E há um certo prazer até no cansaço que isto nos dá / Que afinal a cabeça da gente sempre serve para alguma coisa." O sucesso é algo de fascinante pra quem gosta de conhecer as pessoas e suas reações. Isso tudo tenho visto e fica pra outra vez. O dinheiro a gente gasta. Dinheiro e fama envergonham um pouco a gente, que sempre quer fazer um pouco mais do que um sambinha

de sucesso. E no entanto já querem que a gente desfile com pose de salvador, atrás de batedores, em pé sobre um carro aberto e acenando para o povo desorientado com toda aquela bagunça na rua.

● É claro que as mulheres se entusiasmam com essas coisas. Mas sinto que elas ficam decepcionadas quando chego, porque não desço dourado, ou porque falta um "tique" de gênio, ou porque me faltam ombros de alteta. Além de tudo, depois de tanto alvorço, as moças ficam pensando que quem fez meus sambas foi algum irmão mais velho. Essas coisas são engraçadas, mas às vezes incomodam a gente, que fica pensando mais uma vez como Alvaro de Campos: "Começo a conhecer-me. Não existo / Sou o intervalo entre o que desejo ser a o que os outros desejam."

● Confesso que não tenho paixão pela literatura, o que não interfere em meu amor pela música. Acontece que a música está à mão. Pela música erudita e pela literatura tenho procurado estudar e esperar. Sou um moleque, vamos ver. Quanto ao conto, não sei é uma experiência.

● A música faz parte de mim como uma orelha ou um braço. Pode ser que em pouco tempo meu braço deixe de interessar ao público, mas pretendo conservá-lo ainda assim. Tenho procurado estudar música e encontrar algo de novo a dizer.

● Embora habituado à vida noturna, o excesso de solicitações chega às vezes a esgotar-me. Mas isso passa, e que não se fale em parar com a música. Quanto à arquitetura, tratou-se de um capítulo mal começado.

● Esse negócio de "cultura e bom nascimento" me amola um pouco. Não me criei embrulhado, muito pelo contrário. O mundo da imaginação não me impediu de viver com os pés no chão.

● Não creio que haja um espírito de concorrência entre mim e Geraldo Vandré. A música dele difere da minha música desde as raízes até a forma. Tanto ele como Baden, Sérgio Ricardo, Edu, Sidnei Muller, Vinícius, Rui Guerra,



Ele não é nem quer ser um homem

dos sete instrumentos. Mas, além da música, ocupa-se também com literatura. Lê muito e escreve pouco.

Sua vida entrou em ritmo dinâmico depois que o sucesso veio para ficar

Capinam, Torquato, Caetano e outros estão no caminho da reaproximação ao gosto e verdade populares. Francis Hime (a exemplo de Tom) tem um recado a dar a longo prazo igualmente. Mas 67 será sem dúvida o ano de Gilberto Gil, com toda a sua força, seu sorriso e sua cara redonda.

● Toda era pertence aos jovens. A ele pertence o poder de rejeitar o ultrapassado. A ele pertence a alegria de viver. Pena que o tempo faça muitas vezes do jovem alegre um velho triste. Pena que o espírito jovem chegue ao poder assim tão cansado.

● A música, dizendo-se popular, deve participar da vida de cada um, do dia-a-dia. Que não se queira por favor excluir o amor da vida de cada um. O protesto, é claro, faz parte do dia-a-dia, no amor, no almoço ou no trem. Acontece que, desde o advento e sucesso de termos como "samba participante" e "protest song", os teóricos andam aí afoitos atrás de alienação ou conscientização. Por exemplo: *Carinhoso* já foi tachado de alienado, e *Com que Roupa*, de subversivo. Recentemente meu samba já esteve sentado no banco dos réus, coitado... *Pedro Pedreiro* já foi condenado por subversão junto às classes operárias. *Tamandaré* foi expulso de cena por subverter as notas de um cruzeiro e, conseqüentemente, ameaçando a tranquilidade de mendigos e colecionadores que porventura o possuíssem. Já *Olé Olá* ficou em liberdade condicional até próximo julgamento, com reexame de processo por causa daquela história de "um samba tão imenso". Essas coisas imensas às vezes são perigosas. Finalmente surgiu *A Banda*, que o povo cantou simplesmente porque era cantável, muito mais do que *Pedro Pedreiro*, *Olé Olá* e *Tamandaré*, com umas letras grandes de dar preguiça. Acontece que *A Banda* só difere das demais quanto à forma. Quem prestar atenção há de perceber que a história é a mesma. A banda que chega e vai é o samba que promete mas não vem, é a esperança que vem mas tarda, é o trem que tarda mas chega. E é a vida que toma seu lugar, esperando, sem prometer, que de promessas essa gente está cansada.